

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**RECONHECIMENTO DE QUE OUTRO? CRÍTICA SOCIAL E O
PROBLEMA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO (ENTRE HONNETH E
LACAN)**

Projeto de Pós-Doutorado

Candidata: Mariana Pimentel Fischer Pacheco
Supervisor: Vladimir Pinheiro Safatle

Setembro/2013

Projeto de Pós-Doutorado. Título: “Reconhecimento de Que Outro? Crítica Social e o Problema da Constituição do Sujeito”. Supervisor: Vladimir Pinheiro Safatle. Candidata: Mariana Pimentel Fischer Pacheco. Instituição sede: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

RESUMO

Axel Honneth insiste na relevância de uma crítica social fundada em experiências de déficit de reconhecimento: o sofrimento de sujeitos contextualmente situados é capaz de mobilizar forças de desobstrução da liberdade e, assim, tornar-se motor de transformações sociais. Pretendo mostrar, contudo, que o paradigma da intersubjetividade estabelecido por Honneth - que o leva a apropriar-se da psicologia da maturação de Donald Winnicott - gera impasses os quais inviabilizam a efetivação de seu projeto de desbloqueio da liberdade. Proponho investigar possibilidades de articulação entre Axel Honneth e Jacques Lacan que podem vir a abrir caminhos para a superação daqueles impasses e para uma renovação do empreendimento crítico proposto por Honneth.

Postdoctoral Project Proposal. Title: “Who is the other to be recognized? Social critique and constitution of the human subject (between Honneth and Lacan)”. Supervisor: Vladimir Pinheiro Safatle. Candidate: Mariana Pimentel Fischer Pacheco. Institution: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

Axel Honneth insists on the relevance of a critique based on experiences of deficit of recognition: experiences of suffering are able to unblock freedom and generate social transformation. I intend to show, however, that the paradigm of intersubjectivity established by Honneth – that leads him to an appropriation of Donald Winnicott’s theory - produces impasses that obstruct the actualization of his project of unclogging freedom. I propose to investigate possibilities of an articulation between Axel Honneth’s and Jacques Lacan’s theses. That association can create new alternatives for overcoming those impasses and renovating Honneth’s critical undertaking.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	01
2. Justificativa	
2.1. Que sujeito está implicado no paradigma da intersubjetividade honnethiano?.....	04
2.2. A negatividade radical do sujeito lacaniano.....	09
3. Enunciado do Problema.....	15
4. Cronograma.....	16
5. Resultados Esperados.....	17
6. Bibliografia.....	17

1. INTRODUÇÃO

No artigo *Autonomia Descentrada. Consequências da Crítica ao Sujeito para a Filosofia Moral* (2000a), Axel Honneth escreve que, depois de Freud, Wittgenstein e Saussure, o problema decisivo da filosofia passou a ser pensar as repercussões do fato de que não é mais possível defender que o sujeito tem controle completo sobre si. A resposta honnethiana a este desafio é reformular o conceito de sujeito de maneira a incluir o inconsciente e a linguagem como condições que fazem parte de sua constituição: não são, simplesmente, obstáculos à liberdade. Trata-se de recuperar a noção de autonomia (por isso o frankfurtiano supera Foucault e pós-estruturalistas¹) por meio de uma investigação sobre a maneira pela qual sujeitos concretos tornam-se capazes de desenvolver um “grau de maturidade psíquica que os permite, tendo em consideração suas preferências e necessidades individuais, organizar suas vidas como biografias únicas” (2000a, p. 242).

Estão já aí colocadas duas questões centrais para a pesquisa que pretendo desenvolver.

Em primeiro lugar, almejo investigar as repercussões da maneira particular pela qual Honneth busca resgatar a noção de autonomia: ao invés de apoiar-se apenas em modelos ideais de liberdade (como faz Kant ao afirmar que julgamentos morais livres devem estar baseados na razão e não em paixões), Honneth alicerça o seu empreendimento crítico em experiências em que falta liberdade aos sujeitos. São estas vivências deficitárias que fornecem um sentido concreto à liberdade e é também delas que pode vir o impulso para a sua realização. Ricoeur (2006) tem razão ao afirmar, após uma investigação sobre os diversos sentidos que o vocábulo reconhecimento recebeu na história das ideias, que o traço realmente inovador da teoria do Honneth está no fato de que ele situa experiências de déficit de reconhecimento no âmago da crítica. Trata-se de discutir como o sofrimento de sujeitos pode vir a mobilizar forças de desbloqueio da liberdade e tornar-se o motor de transformações sociais.

O segundo ponto que buscarei investigar diz respeito a um impasse na teoria do reconhecimento honnethiana. Ao escrever que a reconstrução do conceito de autonomia demanda pensar o inconsciente e a linguagem como condições constitutivas do sujeito, Honneth opta por seguir o caminho trilhado por algumas linhagens da psicanálise, como a freudiana, a lacaniana e também a winnicottiana (cf.

¹Tal como afirma Zizek (1987), Lacan não é um pós-estruturalista.

Honneth, 2000b; 2010a). Com o escopo de fornecer consistência empírica ao paradigma da intersubjetividade estabelecido a partir de sua leitura de Hegel, o frankfurtiano decide associar-se à psicologia da maturação de Donald Winnicott².

Objecções acerca da escolha desta versão intersubjetivista da psicanálise tem sido recorrentemente colocadas por freudianos e lacanianos (cf. Honneth, 2010c). O fato de que, no livro *Reificação* (2008), todos os debatedores – inclusive o freudiano Jonathan Lear e a lacaniana Judith Butler³ – dirigiram as suas críticas à “antropologia excessivamente otimista”⁴ (Honneth, 2008, p. 147) implicada no intersubjetivismo honnethiano é um forte indício de que há, realmente, um impasse. Daí surge a importância de rever a teoria do reconhecimento à luz de novas ideias. Como lembra Joel Whitebook (2001), a teoria honnethiana possui mais conflitos internos do que, por exemplo, as teorias de Habermas ou Apel e, por isso, é mais aberta a novas ligações.

Atentos ao problema, alguns leitores de Honneth tem, atualmente, buscado realizar entrelaçamentos inovadores, os quais demandam uma revisão do paradigma da intersubjetividade: Whitebook propõe, a partir do confronto entre Honneth e Freud, redirecionar a teoria crítica para uma “antropologia psicanaliticamente orientada” (2001, p. 258); Jean-Phillipe Deranty (2009) defende uma associação entre Honneth e Merleau-Ponty; Vladimir Safatle (2012; 2013) e Christian Dunker (2013)⁵ ligam Honneth e Lacan.

De fato, a conexão entre Honneth e Lacan pode fornecer um sentido fecundo para a crítica, principalmente se a forte influência de Hegel no pensamento de ambos for lembrada. O filósofo e o psicanalista demonstram profunda consciência da importância de uma crítica capaz de conectar o psíquico e o social e ambos, leitores de Hegel, operam tal ligação ao insistirem na centralidade do conceito de sujeito e na importância da reconstrução da noção de autonomia (concebida, como dito, a partir de experiências em que falta liberdade). A distância entre eles é também marcada por

²Em *Luta por Reconhecimento* (2003b), Honneth dialoga com Georg Mead e com Winnicott. Enfatizarei, contudo, a associação com o psicanalista inglês, já que as ideias de Winnicott são foco dos desenvolvimentos mais recentes da teoria do reconhecimento (cf. 2003b, 2003c, 2010a, 2010b, 2010c).

³ Butler é uma leitora crítica de Lacan. As objeções que faz a Honneth estão, contudo, bastante afinadas às teses do psicanalista francês.

⁴ A expressão é utilizada pelo próprio Honneth (2008, p 147) para explicitar o ponto central ao qual se dirigem as críticas à sua teoria em *Reificação* (2008).

⁵Dunker e Safatle coordenam, junto com Nelson da Silva Jr. o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP) da Universidade de São Paulo (USP), cujo projeto e pesquisa (2008) enfatiza a importância atual de trabalhos que associem Honneth e Lacan

divergências na interpretação de Hegel, as quais podem ser articuladas a partir da pergunta: “há uma potência de negatividade no sujeito que precede relações intersubjetivas?”. A leitura de Honneth (2010d) da *Fenomenologia do Espírito* alicerça a sua aposta na ideia de que o sujeito se constitui na relação com outros empíricos e, nesse processo, emergem forças de negação de formas estabelecidas de reconhecimento. Já Lacan insiste na precedência da negatividade: em seus trabalhos iniciais, por meio reconhecimento da negatividade do desejo – pensada a partir da recepção do Hegel de Alexandre Kojève - e, de acordo com Safatle (cf 2006, 2007), de modo mais sofisticado em seus textos tardios, os quais expressam uma ontologia negativa - que também pode ser ligada a uma possível interpretação de Hegel –, fundada na ideia de pulsão⁶.

Em síntese, na minha pesquisa de pós-doutorado, pretendo insistir na relevância da proposta honnethiana de realização de uma crítica capaz de mobilizar forças de desbloqueio da liberdade a partir do sofrimento de sujeitos. Para tanto, faz-se necessário superar impasses gerado pelo paradigma da intersubjetividade honnethiano. Proponho, assim, investigar possibilidades de articulação entre Honneth e Lacan, as quais podem abrir caminhos para a superação de tais obstruções e para a renovação do empreendimento crítico proposto por Honneth.

Este projeto organiza-se da seguinte maneira. A justificativa, que buscará apresentar as principais questões a serem investigadas, está dividida em dois subitens, o primeiro focado em Honneth e o segundo em Lacan. Inicialmente, exporei o ponto de vista honnethiano acerca da relevância da psicanálise para a crítica social, principalmente por meio de uma apropriação de ideias freudianas sobre sofrimento. Cuidarei, em seguida, dos limites da leitura honnethiana de Freud: alicerçado em uma interpretação intersubjetivista de Hegel, o frankfurtiano opta por associar-se a Winnicott e deixar de lado o conceito freudiano de pulsão de morte. Perdas provocadas pelo abandono deste conceito são explicitadas no debate com Whitebook. No segundo item, confrontarei as ideias de Honneth com teses lacanianas sobre a negatividade do sujeito. Buscarei mostrar que o intersubjetivismo não fornece suficiente espaço para a uma potência de negação capaz de transformar radicalmente a identidade. Indicarei, então, a possibilidade de utilização do conceito de sofrimento como ponto de conexão entre Lacan e Honneth e, do mesmo modo,

⁶ Esta é a tese central defendida por Safatle, principalmente, em “A Paixão do Negativo: Lacan e a Dialética” (2006).

apresentarei alternativas para a liberação da teoria do reconhecimento do paradigma da intersubjetividade. Finalizarei ao demonstrar a ligação deste projeto com meus trabalhos anteriores e realizar breves esclarecimentos sobre a metodologia da pesquisa. Os itens, bastante sintéticos, que seguem a fundamentação são: enunciação do problema; cronograma; resultados esperados e referências bibliográficas (mencionadas neste projeto).

2. JUSTIFICATIVA

2. 1. Que sujeito está implicado na teoria da intersubjetividade honnethiana?

Axel Honneth, atual diretor do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt (*Institut für Sozial Forschung - IfS*), é inaugurador da terceira geração da teoria crítica: é sucessor Adorno e Horkheimer (primeira geração) e de Jürgen Habermas (segunda geração). Honneth afirma que sua teoria do reconhecimento é legatária do programa original frankfurtiano e da tradição do hegelianismo de esquerda na medida em que pretende realizar uma crítica normativa dedicada a compreender as instancias pré-teóricas que determinam sua própria constituição e, para tanto, pautase em um método interdisciplinar (Honneth, 2000b).

Honneth fornece um sentido original à crítica. Tal como na segunda geração, busca superar os dilemas deixados por Adorno e encontrar fundamentos para a crítica imanentes às relações sociais⁷ (cf. 1989, 2000a, 2003a). A saída apontada por Habermas é, todavia, deficitária: uma teoria da comunicação linguística neutra com relação a contextos é incapaz de dar conta de expectativas e valores de sujeitos historicamente situados⁸ (cf. Honneth, 1989, 2003b; Petherbridge, 2011). Eis a razão pela qual Honneth propõe pensar “uma concepção antropológica que substitua a pragmática universal habermasiana” (Honneth, 2000a, p. 101).

Antropologia é um tema que preocupa Honneth desde seus primeiros trabalhos, notadamente em *Ação Social e Natureza Humana: Fundamentos Antropológicos das Ciências Sociais* (1989), em que afirma que uma antropologia filosófica deve tratar das “condições invariáveis para a variabilidade humana” (p. 14). As reflexões honnethianas sobre antropologia filosófica desenvolvem-se ao lado de sua leitura da psicanálise. Honneth empenha-se em manter um jogo dialético entre

⁷ No debate com Nancy Fraser, Honneth (2003a) deixa claro que sua teoria pode ser compreendida como um posterior desenvolvimento do projeto teórico habermasiano.

⁸ Este diagnóstico dá impulso à proposta honnethiana de reconstrução normativa, o qual pretende fornecer unidade entre perspectivas sociológicas e normativas - esta ideia, expressa em diversas obras de Honneth, apresenta-se de modo mais bem delineado em o *Direito da Liberdade* (2011).

transcendência e imanência: entre pressupostos filosóficos e psicanalíticos e material empírico, advindo da clínica e da psicologia social (cf. Honneth 2003a; Petherbridge, 2011).

Como escreve Whitebook, Honneth é hoje “um dos poucos teóricos críticos que continua ativamente engajado à psicanálise” (2001, p. 257). A associação entre crítica social e psicanálise, em suas diferentes versões, de acordo com o frankfurtiano, é fundamental, pois processos sociais apenas permitem-se explicar adequadamente se “além da articulação linguística dos sujeitos, eles são também conceptualizados como resultado de ações nas quais é cristalizado o movimento de pulsões inconscientes ou necessidades de ligação do sujeito” (2010a, p. 254). É preciso ressaltar: esta afirmação evidencia que, apesar de sua preferência pela psicanálise intersubjetivista, que enfatiza “necessidades de ligação”, Honneth deixa aberta a possibilidade de conexão entre crítica social e linhagens da psicanálise de orientação freudiana e lacaniana, assentadas em “movimento de pulsões”.

O frankfurtiano (2007a) interessa-se por Freud, em primeiro lugar, pois a teoria freudiana explicita a continuidade entre patológico e normal; constitui, por isso, uma teoria sobre a subjetividade e não apenas sobre doenças psíquicas.

Além disso, é de Freud que a crítica extrai a noção de sofrimento:

Certamente há uma conexão similar já na crítica de Hegel ao Romantismo, a qual não deixou de influenciar os representantes da Escola de Frankfurt. Mas o ímpeto de conectar a categoria “sofrimento” a patologias da racionalidade social provavelmente encontra suas origens na ideia freudiana de que toda doença neurótica surge do impedimento do ego racional e leva a casos individuais de tensões do sofrimento (2007b, p. 51).

Honneth utiliza ideias freudianas sobre sofrimento para sustentar uma tese vigorosa: “finalmente esta ideia leva a tese forte e francamente antropológica segundo a qual sujeitos não podem se comportar de modo indiferente às restrições de suas capacidades racionais” (2007b, p. 52). Ele continua, “talvez esta ideia de que deve haver uma relação de dependência interna entre psique intacta e racionalidade não distorcida seja o mais forte impulso que a Teoria Crítica recebeu de Freud” (*ibid.* p. 53). O frankfurtiano defende que, do mesmo modo que no tratamento psicanalítico, a crítica deve mostrar que o sofrimento do sujeito toca em um “desejo (*Wunsch*) de liberação do seu sofrimento” (*ibid.* p. 54). Como mostrarei adiante, este é um possível ponto de engate com Lacan.

O compromisso honnethiano com uma teoria da intersubjetividade determina, no entanto, restrições à sua associação com Freud. Interessa-me, sobretudo, compreender as razões de sua rejeição à noção de pulsão de morte; para tanto é preciso dar um passo para trás e examinar a interpretação honnethiana da *Fenomenologia do Espírito*.

No texto *Do Desejo ao Reconhecimento: Os Fundamentos Hegelianos da Consciência-de-Si* (2010d), Honneth explica que, segundo Hegel, o sujeito, concebido como um ser natural, busca confirmar sua certeza de que é capaz de destruir o resto da natureza pelo consumo de seus objetos em um movimento de satisfação do desejo (*Begierde*). A existência de objetos independentes é provada pelo fato de que, apesar dos atos de destruição, o processo da vida continua a existir. Honneth enxerga, neste ponto, semelhanças entre Hegel e Winnicott: ambos defenderiam que, através de impulsos de consumo do ambiente, o sujeito tenta adquirir a certeza de que a realidade não é apenas um produto de sua atividade mental.

As ideias do frankfurtiano estão, sobretudo, centradas em sua interpretação do seguinte parágrafo da *Fenomenologia do Espírito*:

Em razão da independência do objeto, a consciência-de-si só pode alcançar satisfação quando esse objeto leva a cabo a negação de si mesmo, nela; e deve levar a cabo em si tal negação de si mesmo, pois é em si o negativo, e deve ser para o Outro o que ele é (Hegel, 2004, p. 124).

Honneth recusa expressamente a interpretação de Kojève, que escreve sobre um desejo de reconhecimento, assim como a leitura de Gadamer - apropriada por Whitebook (2001) -, o qual lembra que a palavra alemã *Begierde*, utilizada por Hegel para referir-se a desejo, tem uma forte conotação carnal.

Reconhecimento, para o Hegel de Honneth, diz respeito aos meios sociais os quais permitem ao sujeito satisfazer seu desejo de que sua atividade de modificação da realidade seja experienciada. Este desejo só pode ser satisfeito se o sujeito encontrar algo na realidade que realize um ato de negação sobre ele – quer dizer, outro sujeito - e se o próprio sujeito realizar a mesma negação sobre si mesmo. Eis os fundamentos do paradigma da intersubjetividade: no encontro entre dois sujeitos, ego e *alter* reagem (este ato de reação não é, como em Kant, uma decisão racional) um ao outro pela restrição de seus desejos de dominação de tal maneira que eles podem vir a encontrar-se sem o propósito de consumo.

Em *Luta por Reconhecimento* (2003b), Honneth sustenta que a psicanálise de Winnicott pode fornecer consistência empírica a sua interpretação de Hegel (inicialmente focada nos escritos da juventude e, mais recentemente, também na *Fenomenologia do Espírito*). O frankfurtiano explica que, para o psicanalista inglês, logo após o nascimento, bebê e mãe (ou outra figura significativa) conformam uma dinâmica de dependência absoluta (que Honneth chama de simbiose). Com o tempo, a mãe volta a dirigir sua atenção à vida social e não mais responde imediatamente às demandas do bebê. Inicia-se o estágio de independência relativa. A agressividade humana surge, segundo Honneth, nesta relação intersubjetiva e não previamente: “a partir da percepção gradual de uma realidade resistente ao domínio, o bebê desenvolve rapidamente uma disposição para atos agressivos, primariamente dirigidos à mãe, percebida agora também como ser independente” (*ibid.*, p. 162).

Tal como na leitura honnethiana de Hegel, a destruição, para Winnicott, é a maneira pela qual o bebê testa se está diante de um mundo que não se submete ao seu controle. Se a mãe frustrar suficientemente tais atos de agressão, o bebê aprenderá que existem ao seu lado outros seres humanos independentes e será capaz de ultrapassar suas fantasias de onipotência. Poderá, assim, amar outro ser humano autônomo. Honneth defende que o amor⁹, nas primeiras relações intersubjetivas, “precede, tanto lógica como geneticamente, todas as outras formas de reconhecimento recíproco” (2003b, p. 172).

As críticas de Whitebook estão focadas nestas teses honnethiana sobre a origem intersubjetiva do potencial de negatividade do sujeito. Como escreve Honneth, referindo-se a polêmica com freudianos (como Whitebook) e lacanianos: “nós todos concordamos que há forças internas no ser humano que o torna disposto a revoltar-se contra ordens estabelecidas. O debate é sobre onde estas pulsões e energias estão localizadas” (Honneth, 2010c, p. 9).

Whitebook articula a interpretação gadameriana de Hegel – que, como dito, enfatiza a conotação carnal da palavra alemã *Begierde* - à noção freudiana de pulsão de morte – que se dirige recondução do organismo vivo ao estado inorgânico (Freud, 2010) – e defende que há uma potência primária de destruição no sujeito, de origem biológica, a qual precede relações intersubjetivas (cf. Whitebook 2001, 2003, 2008;

⁹No debate com Nancy Fraser, Honneth (2003a) reformula algumas de suas teses iniciais sobre o amor. O filósofo defende atualmente que o seu conceito de amor é apenas adequado para tratar da formação do sujeito no contexto da modernidade ocidental e não podem ser transferido, sem devidas cautelas, para outras culturas (Honneth, 2010c)

Busch, 2003; Bedorf, 2004). O psicanalista pode, assim, concluir: “inicialmente, a consciência-de-si não se dirige a outra consciência-de-si por conta da intersubjetividade ou da sociabilidade inata, mas porque é compelida pela lógica interna de seu programa narcísico” (Whitebook, 2001, p. 269).

Esta ideia é de fundamental importância para a crítica social, afirma Whitebook (2001), pois tais energias destrutivas primárias são forças de desmonte de instituições estabelecidas e, ao mesmo tempo, carregam um potencial criativo.

Em resposta ao psicanalista, Honneth realiza ajustes (ênfase são apenas ajustes, já que o frankfurtiano não revê os pressupostos intersubjetivistas de sua teoria) em sua leitura de Winnicott apresentada em *Luta por Reconhecimento* (2003b) e empenha-se em mostrar que o processo de superação da fase de simbiose é sempre inacabado e, por isso, é capaz de gerar no sujeito um afeto antissocial; em suas palavras: “um impulso antissocial de independência que leva cada sujeito a negar sempre e novamente a diferença do outro” (2003b, p. 315). Estaria aí - e não na pulsão de morte, que, segundo Honneth, é uma noção impregnada de metafísica – a origem do impulso de lutas contra formas estabelecidas de reconhecimento (cf. 2003b, 2003c, 2010a, 2010b, 2010c).

O frankfurtiano sustenta que, além de dar conta da negatividade, a associação com uma psicanálise interacionista é vantajosa por permitir um alinhamento da crítica a tendências sociais em vigor no tempo presente: a psicanálise poderia, desse modo, fornecer elementos necessários à construção de modelos normativos de relações de reconhecimento recíproco (cf. Honneth, 2000b, 2003c, 2010a).

Honneth (2003c) crê que o interacionismo do psicanalista Hans Loewald, por exemplo, pode harmonizar-se a ideias pós-modernas sobre a liquefação de identidades. Loewald sustenta que a sempre incompleto movimento de superação da fase de simbiose gera formas de contato com alternativas que foram excluídas do controle do “eu”, mas que continuam vivas e podem vir impulsionar transformações criativas na identidade. O sujeito maduro pode se tornar capaz de acessar possibilidades inicialmente recusadas por meio de uma regressão racionalmente controlada e, desse modo, trazê-las ao diálogo. A imagem descrita por Honneth parece transpor o modelo habermasiano de comunicação livre de distorções do campo social para o campo psíquico: “em circunstâncias ideais, a psique humana deve ser compreendida como um contexto de interação deslocado para dentro, o qual se relaciona de modo complementar com o mundo da vida” (*ibid.* p. 159).

Honneth (2010c) esclarece a sua posição atual em entrevista realizada em 2010, na qual afirma que grande parte das divergências com Whitebook e também com Butler se deve a mal entendidos. De acordo com o frankfurtiano, a ação de forças de destruição da ordem é importante tanto para freudianos como para intersubjetivistas; por isso, os desacordos, no final das contas, não teriam consequências de grande relevância.

Buscarei mostrar no próximo item que, ao contrário do que defende Honneth, estas divergências tem sim repercussões profundas para a crítica social. Basta, por ora, lembrar que Whitebook (2001) afirma ser um equívoco falar em diálogo entre instâncias psíquicas, já que tal explicação acentua “moderação, não-violência e simetria” (*ibid.*, p. 280). A palavra “polêmica” forneceria, segundo o psicanalista, uma descrição mais precisa.

2.2. Negatividade radical do sujeito lacaniano

Pensar a relação entre Honneth e Lacan é também discutir possíveis repercussões de diferentes leituras de Hegel para a crítica social. Como dito, a proximidade entre o filósofo e o psicanalista se mostra na medida em que ambos, herdeiros de Hegel, defendem a importância de recuperar a noção de autonomia do sujeito e sustentam que o conceito de reconhecimento é fundamental para a realização de tal tarefa. Ocorre que, Lacan e Honneth escrevem sobre reconhecimento a partir de coordenadas distintas. A articulação de suas ideias impõe, assim, indagar: como é possível ao sujeito reconhecer outro em sentido radical? Ou ainda, como o sujeito pode reconhecer algo que ultrapassa sua identidade e não pode mais ser reconhecido em imagens projetadas pelo “eu”? Estas são, na verdade, diferentes maneiras de perguntar pelo trabalho da negatividade. São formulações que ajudam a evidenciar a ligação entre negatividade e reconhecimento.

As ideias lacanianas sobre reconhecimento surgem, inicialmente, na década de 1950 e são fortemente influenciadas pela leitura kojéviana da *Fenomenologia do Espírito* - a qual é explicitamente rejeitada por Honneth e também por Whitebook. O psicanalista enfatiza, neste primeiro momento, a articulação entre negatividade e desejo puro¹⁰. Contudo, é possível dizer, com Safatle (2006) e Dunker (2011), que Lacan se torna realmente hegeliano não no começo de seu percurso intelectual, mas, posteriormente, a partir da década de 1960, período em que realiza uma revisão de

¹⁰ A expressão “desejo puro” é utilizada por Safatle (cf. 2006, 2008, 2012).

suas ideias sobre o papel da negatividade na clínica e passa, então, a pôr acento na noção de pulsão.

Kojève escreve sobre desejo em Hegel¹¹:

Esse Eu, que se alimenta de desejos, será ele mesmo desejo em seu próprio Ser, criado na e pela satisfação de seu desejo. E já que o desejo se realiza como ação negadora do dado, o próprio Ser desse Eu será ação. Esse Eu não será, como o “Eu” animal, identidade ou igualde consigo, mas negatividade-negadora. (2002, p. 12)

Diversamente da leitura honnethiana da *Fenomenologia do Espírito*, a qual situa a gênese do amor em uma autolimitação (negatividade) do sujeito fundada em relações intersubjetivas (cf. Honneth, 2010d); de acordo com Kojève, o ser humano se constitui ao desejar o reconhecimento de outro ser desejante. O desejo é “antropogênico” (Kojève, 2002, p. 13) e, do mesmo modo, é a partir dele que ocorre o processo de socialização. “A história humana é a história dos desejos desejados” (*ibid.* p. 13), escreve Kojève. Com base nestas ideias, Lacan mostra que a ação do sujeito não é apenas resultado da vontade individual, manifesta, sem que o “eu” saiba disso, o desejo de outros que o antecederam (cf. Lacan, 1999). A negatividade do desejo é, portanto, para Lacan, anterior à gênese intersubjetiva da força de negação (germe do amor) pensada por Honneth.

Afirmar a precedência do desejo não implica, contudo, em dizer que o sujeito não pode se tornar livre. Para compreender esta ideia, é preciso ter claro que a absorção de teses de Kojève, aliada ao modo bastante particular em que Lacan associa Freud e estruturalismo francês, irá levá-lo a construir uma teoria absolutamente original.

Lacan esclarece que o inconsciente se relaciona com algo que está além da biografia individual e que conecta o sujeito com uma ordem sociossimbólica que lhe é anterior. O psicanalista chama de “grande Outro” o sistema estrutural de leis que estabelecem identidades e diferenças e, assim, determinam a maneira pela qual o sujeito se relaciona com outros seres humanos. A Lei lacaniana é vazia de conteúdo, conforma uma cadeia de significantes puros; ou seja, constitui lugares vazios que são ocupados por indivíduos em situações concretas, como o “Outro paterno” ou o “Outro materno”¹² (Safatle, 2009; Miller, 1987). Observe-se que falar sobre uma

¹¹ Apesar das distorções kojévianas dos textos de Hegel serem notórias, neste ponto específico, é correto dizer, com Safatle, que o filósofo é fiel à *Fenomenologia do Espírito* (Cf. Safatle, 2006, 2009).

¹² É sempre pertinente enfatizar que as referências a pai e mãe não evocam, em Lacan, relações concretas de parentesco, referem-se sim a funções.

cadeia de significantes puros é também afirmar a inadequação do desejo a objetos empíricos; é mostrar que o desejo realiza um trabalho de negação.

Como esclarece Whitebook (2001), Honneth pressupõe a existência de uma “sociabilidade inata” (p. 269): haveria um potencial de cooperação já em relações primárias entre mãe e bebê. A psicanálise lacaniana rejeita tal suposição. Lacan afirma que ligação entre mãe e bebê está determinada, inicialmente, por relações narcísicas de dominação (como na dialética do Senhor e do Escravo) baseadas no desejo e, ainda, que este modo de dominação possui um traço específico (que o distingue do narcisismo freudiano, absorvido por Whitebook): funda-se na fixação em sínteses imagéticas.

Inicialmente, para Lacan (cf. 1995, 1998), o bebê deseja ser objeto do desejo da mãe (do “Outro materno”). Aspira suprir a falta materna. Isto quer dizer que ele almeja ocupar uma posição (de objeto) diante do desejo materno e que sua busca está associada à identificação com imagens ideais. Atravessar o narcisismo é, portanto, superar a alienação em imagens.

É preciso ressaltar: a saída de tal posição não se dá, para Lacan, por um processo contínuo de maturação (capaz de mobilizar um potencial inato de cooperação). Possibilidades de socialização (isto é, de identificação com um lugar vazio) são abertas para o sujeito por meio de uma ruptura. Ocorrem através de uma intervenção capaz de revirar a demanda do outro¹³. Lei do pai (que, insisto, não se confunde com o pai empírico) realiza esta função ao barrar o desejo da mãe. O pai intervém de modo a retirar o sujeito da posição de ter de suplantar a falta materna e executa esta tarefa por meio da exposição de uma falha: nenhum ser humano corresponde ao ideal imagético do eu (em outras palavras, a Lei é simbólica, é vazia, e, por isso, não pode ser determinada por seres humanos concretos). A função paterna realiza, assim, um trabalho de negação.

Repercussões para a crítica social da negligência de Honneth à relação entre sujeito do desejo com a Lei (ou com estruturas) podem ser esclarecidas através da exposição de objeções à defesa honnethiana de uma psicanálise compatível com ideais pós-modernos de fluidez de identidades. Lacan mostra que o posicionamento do sujeito diante da Lei compõe o núcleo mais profundo e estável que pode originar

¹³ Lacan (1973) esclarece as diferenças entre a sua teoria e a psicologia da maturação de Winnicott: “A passagem da pulsão oral à pulsão anal não se produz por um processo de maturação, mas pela intervenção de alguma coisa que não é do campo da pulsão – pela intervenção, o reviramento, da demanda do Outro” (p. 164).

constantes variações superficiais na identidade. A histeria, por exemplo, caracteriza uma posição estrutural específica: o sujeito coloca-se no lugar daquilo que falta no Outro, identifica-se com um objeto. Tal posicionamento se manifesta frequentemente pela imitação (Lacan, 1999). Silva Jr *et al* explica: “os sintomas histéricos podem ser lidos como deslocamentos significantes (metonímicos) de um desejo insatisfeito, que migra sucessivamente de um para outro por força de um processo de identificação” (2013, p. 227). Por esta razão, continua Silva Jr, no século XIX, a histeria chegou a ser concebida como uma patologia capaz de produzir múltiplas personalidades. A liquidez de identidades, nesse caso, é apenas a forma de expressão de uma posição que, estruturalmente, permanece sólida. Zizek (2008) tem razão ao dizer que a multiplicidade pós-moderna esconde a unidade.

A inaptidão para distinguir imitação em casos de histeria e transformação radical da identidade expressa um déficit que pode ser rastreado até os fundamentos da teoria honnethiana. O problema é exposto com precisão por Judith Butler (2008), a qual explica que o frankfurtiano não diferencia com suficiente nitidez imitação de imagens “doadas” a outro ser humano pelo “eu” e formas de relação com outro em sentido radical. A questão de fundo é a seguinte: o intersubjetivismo honnethiano não cuida de modo apropriado da “alteridade no coração do sujeito” (Butler, 2008, p. 113). Tal descuido tem consequências de profunda relevância; em razão dele, a crítica de Honneth não é capaz de se desprender por completo de identidades imagéticas.

Na década de 1950, período em que também em Lacan havia uma teoria da intersubjetividade, reconhecer outro significava, para a psicanálise, reconhecer que o desejo não pertence ao “eu”, é desejo puro (tal como pensado por Kojève) em tensão com a Lei. Uma pergunta, no entanto, ainda teria de ser respondida pela teoria psicanalítica: reconhecida a negatividade do desejo ou a inadequação entre desejo e objeto, como evitar a rejeição a todos os objetos empíricos?¹⁴

A resposta começa a emergir na década de 1960, período em que Lacan, por meio de uma crítica à intersubjetividade, passa, cada vez mais, a enfatizar a relação entre pulsão e seu objeto e, nesses termos, refletir sobre outro modo de manifestação da negatividade.

¹⁴ Ou ainda, como explica Safatle, apegar-se a busca por um desejo que “deseje a pura forma da Lei” (2006, p. 159) implica em conectar a psicanálise a um gozo da Lei, “que é o desejo supremo do perverso” (*ibid*, p 172).

A pulsão de morte, para Freud (2010), refere-se a um impulso de destruição do organismo vivo, que se mostra, na clínica, como compulsão para a repetição (é um obstáculo ao tratamento). A reconstrução feita por Lacan retira o problema do campo da biologia: ao invés da morte do organismo vivo, a psicanálise lacaniana cuida de uma morte simbólica (cf. Lacan, 1991; Miller, 1997; Safatle, 2006, 2012). A pulsão é posta no singular - toda pulsão é potencialmente pulsão de morte, já que *Eros*, segundo Lacan, apenas opera sínteses imagéticas - e é, agora, compreendida como uma potência capaz de destruir imagens identitárias do sujeito em um contexto simbolicamente estruturado. Esta força torna-se, então, o motor da cura na análise (Lacan, 1973; Safatle, 2006, 2012).

Lacan escreve, em 1964, “nenhum objeto pode satisfazer a pulsão” (Lacan, 1973, p. 153). Contudo, esta ideia não levará, desta vez, a uma tendência ao abandono do empírico; o objeto ganhará, agora, um novo modo de persistência. Isto porque a relação entre pulsão e seu objeto passa a expressar outra forma de negação: não a expulsão, mas uma negação que é um modo de manifestação da resistência do objeto, o qual insiste em não se submeter a relações de identidade, diferença e oposição. Žizek (2008) explica: objeto se mostra na medida em que é capaz de objetar e, assim, perturbar o funcionamento esperado das coisas; o sujeito, de outro lado, é aquele que é capaz de sujeitar-se ao inevitável.

É curioso notar que para dar conta deste tipo de ação negadora, Lacan (2005) evoca a relação entre psicanálise e estética. Justamente a estética, dimensão negligenciada pela segunda e terceira geração da teoria crítica¹⁵.

Safatle defende que as teses tardias de Lacan são profundamente hegelianas, pois crê que há uma ontologia negativa em Hegel (2006, 2007); isto é, uma ontologia que não está fundada positivamente, mas na possibilidade de manter a presença de uma força de resistência ao “esgotamento do ser em determinações positivas” (Safatle 2007, p 169). Compreende-se, agora, que este mesmo trabalho é realizado pela pulsão, a qual é expressão daquilo que é irreduzivelmente negativo no sujeito e que, por isso, possui estatuto ontológico¹⁶.

Trata-se, tanto para Hegel como para Lacan, de reconhecer a força da negatividade, que move o processo histórico no qual o sujeito se forma e, assim,

¹⁵ Principalmente no debate com Albrecht Wellmer e em seu livro mais recente *O Direito da Liberdade* (2011), Honneth se mostra aberto a pensar o papel da estética para a crítica social. Contudo, não se pode dizer que esta dimensão é, hoje, central para sua teoria.

¹⁶ Lacan escreve: “claro que tenho a minha ontologia – por que não? – todo mundo tem uma, ingênua ou elaborada” (1973, p. 69).

pensar a transformação do negativo em ser; ou seja, pensar a maneira pela qual a negatividade adquire determinação objetiva (Safatle, 2007). Para tanto, como escreve Butler (2008), é preciso reconhecer a “alteridade no coração do sujeito” (p. 113).

É preciso ter claro que Honneth (2007b) dá um passo fundamental ao afirmar que, tal como a psicanálise, a crítica deve fazer uso de uma força dirigida à cura, a qual pode ser mobilizada pelo sofrimento.

É pressuposto pela Teoria Crítica que o sofrimento, vivido subjetivamente ou atribuído objetivamente, entre os membros da sociedade leva ao mesmo desejo de cura, de liberação de males sociais, que o psicanalista imputa a seus pacientes (2007b, 54).

Uma articulação destas ideias com teses de Lacan permite repensar o estatuto e o sentido de tal impulso para a cura: o psicanalista ensina que a cura deve ser compreendida como liberação de uma relação com a alteridade pautada em imagens identitárias. Eis os fundamentos da liberdade que se concretiza pelo trabalho de negação realizado pela pulsão.

A utilização do conceito de sofrimento como ponto de conexão entre Honneth e Lacan abre espaço para uma discussão, tal como propõe Safatle, sobre o sofrimento social como “maneira privilegiada de abordarmos as deficiências em relação a uma vida racional almejada” (2013, p. 2). Isto é possível, a partir da psicanálise lacaniana, se compreendermos racionalidade como movimento, mobilizado pela pulsão, de dissolução e reinstituição de formas de vida (cf Safatle, 2013, 2012). A crítica deve, então, assegurar a possibilidade de realização de alternativas que ultrapassam a norma. Daí a insistência de Žižek (2006) em uma política capaz de abrir-se ao impossível; ou seja, permitir a insurgência de experiências que resistem de forma irrevogável à simbolização.

Butler (1999), ao escrever sobre problemas de gênero, esclarece o sentido concreto deste tipo de crítica. A filósofa norte-americana expõe a importância de compreender como o pânico com relação a experiências impensáveis ou monstruosas pode estar na origem de práticas violentas. Segundo Butler, o desafio a ser enfrentado envolve a desconstrução da regra que prescreve a heterossexualidade e define gênero em termos binários. O ponto nevrálgico (que torna esta crítica incompatível com o paradigma comunicacional estabelecido por Habermas e, até certo ponto, recepcionado por Honneth) é: o debate público sobre direitos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros não atinge a norma que determina a divisão binária de gêneros, precisamente porque é esta regra que funda o debate.

Finalmente, cabe esclarecer a relação deste projeto com minhas pesquisas prévias. A investigação que pretendo realizar gravita em torno da pergunta: como um sujeito essencialmente histórico pode ganhar liberdade? Durante meu mestrado e doutorado – ambos realizados na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – cuidei de semelhante questão a partir de uma matriz teórica distinta: a hermenêutica de Heidegger e Gadamer. A crítica a um humanismo esquecido da diferença ontológica foi o ponto de partida de minha investigação sobre a tarefa da filosofia do direito no tempo presente. As alternativas para a crítica ao direito, atualmente, estão, na maior parte das vezes, ligadas a teorias do discurso, principalmente, a Jürgen Habermas. A polêmica entre Gadamer e Habermas foi, por esta razão, fundamental para a minha tese: busquei discutir os limites de teorias que enfatizam a análise da racionalidade de discursos que justificam decisões, mas que negligenciam a força daquilo que não pode ser articulado em argumentos (Pacheco, 2009a e 2005). Pretendo, no meu pós-doutorado, dar continuidade a este trabalho: não apenas expor limites do paradigma comunicacional, buscarei investigar possibilidades de realização de uma crítica social fundada em uma força negação que é uma forma de manifestação daquilo que não cessa de resistir à simbolização.

Por conta da importância da tradição frankfurtiana para as minhas pesquisas, participo, desde 2009, de Convênio realizado entre o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da universidade de São Paulo (USP) e Institut für Sozialforschung (IfS), Johann Wolfgang Goethe-Universität (Frankfurt am Main)¹⁷, assinados pelos Professores Axel Honneth e Sérgio Adorno. Desde que comecei a atuar no grupo, meus estudos passaram a focar a teoria do reconhecimento de Honneth.

A metodologia de pesquisa, essencialmente bibliográfica, demandará, principalmente, a leitura de textos de Axel Honneth, Jacques Lacan e autores que articulam psicanálise lacaniana e filosofia (sobretudo a tradição frankfurtiana) como Judith Butler, Slavoj Žižek, Vladimir Safatle e Christian Dunker.

3. ENUNCIADO DO PROBLEMA

De acordo com Ricoeur (2006), traço realmente inovador da teoria de Honneth está no fato de que situa experiências de déficit de reconhecimento no âmago da crítica: o sofrimento de sujeitos contextualmente situados pode mobilizar

¹⁷ Disponível no site do NEV. http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=2974&Itemid=1. Último acesso em janeiro de 2013

forças de desobstrução da liberdade e, assim, tornar-se o motor de transformações sociais (Honneth, 2007a). Pretendo mostrar, contudo, que o paradigma da intersubjetividade estabelecido por Honneth - que o leva a apropriar-se da psicologia da maturação Donald Winnicott - gera impasses os quais inviabilizam a efetivação de seu projeto de desbloqueio da liberdade. Proponho investigar possibilidades de articulação entre Honneth e Lacan, as quais podem abrir caminhos para a superação dos referidos impasses e para a renovação do empreendimento crítico proposto por Honneth.

4. CRONOGRAMA

Primeiro semestre	(i.) Participação de grupos de discussão sobre a obra de Jacques Lacan e sobre Teoria Crítica (ii.) Apresentação de resultados parciais do projeto em seminários internos no Departamento de Filosofia da USP, em seminário em Frankfurt (convênio NEV/IfS) e em outros encontros
Segundo semestre	(i.) Participação de grupos de discussão sobre a obra de Jacques Lacan e sobre Teoria Crítica (ii) Redação de artigo científico. (iii.) Apresentação dos resultados parciais do projeto em reuniões do LATESFIP, seminários internos no Departamento de Filosofia da USP e em outros encontros.
Terceiro semestre	Estágio de pesquisa no IfS (Frankfurt)
Quarto semestre	(i) Redação do relatório científico final (FAPESP) (ii) Apresentação dos resultados finais do projeto em reuniões do LATESFIP, em seminários internos no Departamento de Filosofia da USP e em outros encontros.

5. RESULTADOS ESPERADOS

Como resultado desta investigação, espero mostrar possibilidades de conexão entre Honneth e Lacan fecundas para a realização de uma crítica social apta a mobilizar a desobstrução da liberdade em diferentes esferas sociais.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEDORF, Thomas (2004). “Zu zweit oder zu dritt? Intersubjektivität, (Anti-)Sozialität und die Whitebook-Honneth-Kontroverse”. *Psyche – Z Psychoanal*, 58. P 1-19.

BUSCH, Hans-Joacquin (2003). “Intersubjektivität als Kampf und die Anerkennung des Nicht-Intersubjektiven. Kommentar zur Honneth-Whitebook-Kontroverse“. *Psyche – Z Psychoanal*, 57. P. 262-274

BUTLER, Judith (2008). “Taking Another’s View: Ambivalent Implications”. In HONNETH, Axel. In HONNETH, Axel. **Reification and Recognition: A New Look at an Old Idea**. New York: Oxford University Press. P 97-119.

____ (1999). **Gender Trouble. Feminism and Subversion of Identity**. New York/London: Routledge.

DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir & SILVA JR, Nelson. (2006). **Patologias do Social: A Razão Diagnóstica entre a Psicanálise e a Teoria Social**. Projeto de Pesquisa do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP). Disponível em <http://stoa.usp.br/chrisdunker/files/1548/10114/Patologias+do+Social+-+vers%C3%A3o+III.pdf>. Último acesso em janeiro de 2013.

DUNKER, Christian (2013). “Crítica da Razão Diagnóstica: por uma Psicopatologia Não-Toda”. In DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir & SILVA JR, Nelson (org.). **Patologias do Social** (Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP). São Paulo: *mimeo*.

DUNKER, Christian (2011). **Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica. Uma Arqueologia das Práticas de Cura**. São Paulo: Annablume.

DERANTY, Jean-Phillipe (2009). **Beyond communication: a critical study of Axel Honneth’s social philosophy**. Brill: Boston.

FREUD, Sigmund (2010). “Além do Princípio do Prazer”. In FREUD, Sigmund. **Obras Completas v. 14. História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras.

KOJÈVE, Alexandre (2002). **Introdução à Leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto/EDUERJ.

LEAR, Jonathan (2008). “The Slippery Middle”. In HONNETH, Axel. **Reification and Recognition: A New Look at an Old Idea**. New York: Oxford University Press. P. 131-146.

HEGEL, G. W. F. (2004). **Fenomenologia do Espírito. Parte I**. Petrópolis: Vozes.

HONNETH, Axel; JOAS, Hans (1980). **Soziales Handeln und menschliche Natur: Anthropologische Grundlagen der Sozialwissenschaften**. Frankfurt am Main: Campus-Verlag.

____(1989). **Kritik der Macht. Reflexionsstufen einer kritischer Gesellschaftstheorie.** Frankfurt am Main: Suhrkamp.

____(2000a) “Die soziale Dynamik von Mißachtung. Zur Ortsbestimmung einer kritischen Gesellschaftstheorie”. In HONNETH, Axel. **Das Andere der Gerechtigkeit. Aufsätze zur praktischen Philosophie.** Frankfurt am Main: Suhrkamp. P. 88 – 109.

____(2000b). “Dezentriert Autonomie. Moralphilosophische Konsequenzen aus der Subjektkritik”. In HONNETH, Axel. **Das Andere der Gerechtigkeit. Aufsätze zur praktischen Philosophie.** Frankfurt am Main: Suhrkamp.p. 237 – 254

____(2003a). “Die Pointe der Anerkennung. Eine Entgegnung auf die Entgegnung”. In HONNETH, Axel; FRASER, Nancy. **Umverteilung oder Anerkennung? Eine politisch-philosophische Kontroverse.** Frankfurt am Main: Suhrkamp. P. 271-305.

____(2003b). **Kampf um Anerkennung. Zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte.** Frankfurt am Main: Suhrkamp.

____(2003c). “Objektbeziehungstheorie und postmoderne Identität. Über das vermeintliche Veralten der Psychoanalyse” In HONNETH, Axel. **Unsichtbarkeit: Stationen einer Theorie der Intersubjektivität.** Frankfurt am Main: Suhrkamp. P. 138 – 161

____(2007a). “Aneignung von Freiheit. Freuds Konzeption der individuellen Selbstbeziehung”. In HONNETH, Axel. **Pathologien der Vernunft: Geschichte und Gegenwart der Kritischen Theorie.** Frankfurt am Main: Suhrkamp. P. 157-179.

____(2007b). “Eine soziale Pathologie der Vernunft. Zur intellektuellen Erbschaft der Kritischen Theorie”. In HONNETH, Axel. **Pathologien der Vernunft: Geschichte und Gegenwart der Kritischen Theorie.** Frankfurt am Main: Suhrkamp. P. 28-56.

____(2008). “Rejoinder”. In HONNETH, Axel. **Reification and Recognition: A New Look at an Old Idea.** New York: Oxford University Press. P 147-160

____(2010a). “Das Werk der Negativität. Eine Anerkennungstheoretische Revision der Psychoanalyse”. In HONNETH, Axel. **Das Ich im Wir.** Berlin: Suhrkamp. P. 251 -260.

____(2010b). “Facetten des Vorsozialen Selbst. Eine Erwiderung auf Joel Whitebook”. In HONNETH, Axel. **Das Ich im Wir.** Berlin: Suhrkamp. P. 280-297.

____(2010c). “Social Critique Between Anthropology and Reconstruction: An Interview with Axel Honneth” (Odin Lysaker & Jonas Jacobsen). In *Norsk Filosofisk Tidsskrift*, n. 3. Pp 162-174.

____(2010d). “Von der Begierde zur Anerkennung: Hegels Begründung von Selbstbewußtsein”. In HONNETH, Axel. **Das Ich im Wir**. Berlin: Suhrkamp. P. 15-32.

____(2011). **Das Recht der Freiheit: Grundriß einer demokratischen Sittlichkeit**. Berlin: Suhrkamp Verlag.

LACAN, Jacques (1973). **Le Séminaire. Livre XI. Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse**. Paris: Seuil.

____(1987). **Da Psicose Paranóica em suas Relações com Personalidade**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

____(1991). **O Seminário. Livro 7. A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

____(1995). **O Seminário. Livro 4. A Relação de Objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

____(1998). “O Estadio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

____(1999). **O Seminário. Livro 5. As Formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

____(2005). **Seminário. Livro 10. A Angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

____(2006). **Seminário. Livro 12. Problemas cruciais para a psicanálise**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

MILER, Jacques-Alain (1987). **Percorso de Lacan: Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PACHECO, Mariana P. F. (2009a) “Direito à Memória com Exigência Ética – Uma Investigação a Partir da Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer”. In Ministério da Justiça. **Revista Anistia Política e Justiça de Transição N. 1** (jan/jul 2009). Brasília: Ministério da Justiça.

____. (2009b) **Diálogos sobre Direito e Diferença: o Retorno à Pergunta pelo Sentido Humano do Direito que Acontece na Era da Técnica**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco (Faculdade de Direito do Recife).

PETHERBRIDGE, Danielle (2011). “Introduction: Axel Honneth’s Project of Critical Theory”. In PETHERBRIDGE, Danielle (Ed). **Axel Honneth: Critical Essays with a Reply by Axel Honneth**.

RICOEUR, Paul (2006). **Percorso do Reconhecimento**. São Paulo: Loyola.

SAFATLE, Vladimir (2006). **A Paixão do Negativo: Lacan e a Dialética**. São Paulo: Unesp.

_____(2007) “A teoria das pulsões como ontologia negativa”. In **Discurso** - Revista do Departamento de Filosofia da USP. n. 36. P. 149-191.

_____(2009). **Lacan**. São Paulo: Publifolha.

_____(2012). **Grande Hotel Abismo: Por uma Reconstrução da Teoria do Reconhecimento**. São Paulo: Martins Fontes.

_____(2013). “Da Crítica da Razão à Análise de Patologias Sociais: Uma Economia Libidinal do Capitalismo”. In DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir & SILVA JR, Nelson (org.). **Patologias do Social** (Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP). São Paulo: *mimeo*.

SILVA Jr., Nelson *et al* (2013). “A Histeria como Questão de Gênero”. In DUNKER, Christian; SAFATLE, Vladimir & SILVA JR, Nelson (org.). **Patologias do Social** (Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP). São Paulo: *mimeo*.

WHITEBOOK, Joel (2001). “Mutual Recognition and the Work of the Negative”. In REHG, William and BOHMAN, James (eds). **Pluralism and the Pragmatic Turn. The Transformation of Critical Theory. Essays in Honor of Thomas McCarthy**. Cambridge: MIT Press. P. 257-293

_____(2003). “Die Grenzen des Intersubjective Turn. Eine Erwiderung auf Axel Honneth”. In *Psyche Z Psychoanal*, 57 (3). p. 250-261

_____(2008) “First Nature and Second Nature in Hegel and Psychoanalysis”. **Constellations**, Volume 15, no. 3, 2008. P 382-389 .

ZIZEK, Slavoj (2008). **A Visão em Paralaxe**. São Paulo: Boitempo.

____ & DALY, Glyn (2006). **Arriscar o Impossível: Conversas com Zizek**. Trad. Vera. Ribeiro. São Paulo: Martins fontes.

____ (1987). “Why Lacan is not a Post-Estruturalist”. In **Newsletter of the Freudian Field 1.2. (Fall)**. Pp. 31-39